

*Dossiê “Faculdade de Formação de Professores:
50 anos formando formadores”*

O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE: um conceito em movimento

THE INTERNSHIP IN TEACHER EDUCATION: a concept in motion

*LAS PRÁCTICAS EN LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO: un concepto en
movimiento*

Sueli de Lima Moreira 

Aldaléa Figueiredo dos Santos 

Regina Marinho Falcão 

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo contribuir para o debate da formação de professoras/es, seus modelos e epistemologias com base numa experiência de estágio supervisionado construída coletivamente entre professoras/es da escola básica e estudantes de licenciaturas. Baseia-se nas *Pedagogias Críticas Latino-Americanas*, ou seja, em pedagogias formuladas através da participação democrática de distintas vozes e saberes, como instrumento para uma sociedade descolonizada capaz de pensar-se a si mesmo e empreender seu destino. O trabalho foi desenvolvido através da Pesquisa-Ação Pedagógica (Franco, 2016), metodologia que, para nós, é mais do que uma estratégia de trabalho, mas uma forma de conceber a educação como prática social articulada entre a pesquisa, a ação e a formação. Investiga-se o campo dos estágios supervisionados compreendendo-o como espaço capaz de ressignificar as relações escola/universidade através de uma construção dialógica e crítica privilegiando ambientes horizontais e solidários, tensionando os modelos hegemônicos de formação docente.

Palavras-chave: escola/universidade; estágio supervisionado; descolonização; pedagogia crítica.

ABSTRACT

This article aims to contribute to the debate about teacher education, its models and epistemologies based on an experience of supervised internship collectively built between elementary school teachers and undergraduate students. It is based on Latin American Critical Pedagogies, that is, pedagogies formulated through the democratic participation of different voices and knowledge, as an instrument for a decolonized society capable of thinking of itself and undertaking

its own destiny. The work was developed through the Research-Pedagogical Action (Franco, 2016), a methodology that, for us, is more than a work strategy, but a way of conceiving education as a social practice articulated between research, action, and training. We investigate the field of supervised internships, understanding it as a space capable of giving new meaning to school/university relations through a dialogical and critical construction favoring horizontal and supportive environments, tensing the hegemonic models of teacher training.

Keyword: school/university; supervised internship; decolonization; critical pedagogy.

RESUMEN

Este artículo pretende contribuir al debate sobre la formación docente, sus modelos y epistemologías a partir de una experiencia de pasantía supervisada construida colectivamente entre profesoras/es de enseñanza básica y estudiantes de pregrado. Se basa en las Pedagogías Críticas Latinoamericanas, es decir, pedagogías formuladas a través de la participación democrática de diferentes voces y saberes, como instrumento para una sociedad descolonizada capaz de pensarse a sí misma y emprender su destino. El trabajo se desarrolló a través de la Pedagogía de la Investigación-Acción (Franco, 2016), una metodología que, para nosotros, es más que una estrategia de trabajo, sino una forma de concebir la educación como una práctica social articulada entre la investigación, la acción y la formación. Investigamos el campo de las prácticas tuteladas entendiéndolo como un espacio capaz de resignificar las relaciones escuela/universidad a través de una construcción dialógica y crítica favoreciendo entornos horizontales y solidarios, tensionando los modelos hegemónicos de formación docente.

Palabras-clave: escuela/universidad; prácticas tuteladas; descolonización; pedagogía crítica.

Apresentação

Se por um lado estudantes das escolas básicas cobram frequentemente pelo sentido das aprendizagens escolares, por mais participação e diálogo nas escolas (Moreira, 2014); nas universidades, geralmente, estudantes de licenciaturas possuem experiências restritas em seus futuros ambientes de trabalho e, ao tornarem-se professores, algumas vezes, possuem poucas experiências para uma educação contra hegemônica, decolonial e democrática.

Rever as relações escolas/universidades na formação docente é desafio estruturante se buscamos formar professoras/es comprometidas com práticas emancipatórias e socialmente referenciadas nas problemáticas latino-americanas. Como escolas e universidades podem desenvolver experiências solidárias que promovam uma educação para o reconhecimento de outrem, para o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais se não investindo em pesquisas coletivas que objetivem a revisão de epistemologias e práticas? É este o desafio que pretendemos colaborar neste artigo.

Temos como interesse ir além da cultura escolar instituída, isto é, ir na direção da instauração radical de relações horizontalizadas e inovadoras, porque inclusivas, constituídas de sujeitos capazes de se respeitarem e expressarem suas diferenças em práticas pedagógicas, críticas, sucessivamente mutáveis e, com base nesses princípios, formular uma outra cultura para o campo dos estágios na formação docente.

Os projetos de ensino/pesquisa/extensão realizados pela professora Sueli de Lima Moreira na Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo (UERJ) foram construídos coletivamente por professoras/es de escolas públicas e estudantes das licenciaturas, através de metodologias participativas no Grupo Pesquisa-Ação Pedagógica Coletivo Investigador UERJ/FFP. O trabalho objetiva articular a formação inicial à continuada e investe em outras formas de *existir* nas universidades e nas escolas.

No campo da formação docente, os estágios supervisionados, quando articulados ao Ensino/Pesquisas/Extensão, instauram um espaço de comprometimento orgânico entre instituições do ensino superior e escola básica. Sendo os estágios uma prática legitimada entre instituições com políticas distintas, se constitui no primeiro espaço com potência para problematizar as culturas institucionais entre escolas e universidades. Acreditamos que se promovermos um debate na área avançaremos concretamente na direção de relações mais democráticas e descolonizadas entre as instituições.

Este trabalho apresenta uma experiência de estágio desenvolvida a partir de metodologias de pesquisas participativas, porque através delas nos é possível investir em equipes com competência coletiva, mais do que equipes que somem competências individuais. Desse modo, é possível nos transformarmos mutuamente, porque estamos juntos superando a hegemonia dominante na formação docente, marcadamente verticalizada, centrada na universidade sobre a escola e estruturada a partir de modelos eurocêntricos que valorizam a teoria (geralmente atribuída à universidade) sobre a prática (geralmente atribuída à escola). Diante do trabalho docente, desenvolvido coletiva e colaborativamente, nos é possível experienciar outras culturas para o cotidiano de nossas

relações pedagógicas, experiências essas que nos (des)territorializam e (des)formam docentes e estudantes em processos de ensino/aprendizagem.

Temos verificado que, ao instaurarmos uma cultura no campo dos estágios capaz de promover sujeitos voltados para atuarem entre si solidariamente, podemos inverter a lógica formativa estruturada para o trabalho individual e competitivo, tal como geralmente o conhecemos, na direção das práticas pedagógicas solidárias e engajadas nas lutas e vida de nossos povos.

Voltados para os saberes que existem e habitam *entre nós*, estudamos quem somos e o que fazemos, ou seja, coletivamente desocultamos os traços autoritários que marcam a nós mesmos e as nossas instituições, podendo, assim, resistirmos e nos reinventarmos.

Os estágios na formação docente

Se por um lado a escola é desafiada na articulação com a universidade a legitimar-se como campo de construção de conhecimento, inclusive para enfrentar os ataques que sofre com as políticas neoliberais, a universidade precisa reconhecer que não é capaz de promover uma formação socialmente referenciada sem o trabalho em conjunto com escolas. Esse ponto, isto é, o da instauração de um outro lugar institucional em que escolas e universidades trabalhem em conjunto na formação docente, é o que queremos trazer ao debate, em especial a perspectiva das epistemologias decoloniais¹ (MOREIRA, 2022).

Nos referenciamos nas contribuições de Freire (2006) e Walsh (2009) para a formulação das pedagogias críticas latino-americanas, porque a concebemos por meio de nossas lutas e vozes. Os trabalhos coletivos inauguram outros lugares, epistemologias e culturas institucionais, em especial no campo dos estágios supervisionados, pois nos permitem uma qualidade capaz de nos reconfigurar frente a rotinas e modelos estabelecidos entre escolas e universidade.

Freire (2006) nos ensinou que a conquista do diálogo depende da nossa luta, pois a educação é estruturada majoritariamente no silenciamento, através de práticas autoritárias e no conflito. Para Walsh (2009), o trabalho de educadoras/es em comprometimento com a emancipação de seus povos é o de, coletivamente, compreender e denunciar as forças políticas e sociais que os atingem opressoramente no campo pedagógico, para que possam responder

¹ Baseada no pensamento decolonial, trata de uma abordagem epistêmica em desenvolvimento, principalmente entre estudiosos latino-americanos como o Grupo Modernidade/Colonialidade (1998), entre os quais destacamos Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Edgard Lander, Enrique Dussel, entre outros.

com uma intencionalidade política capaz de fortalecer as lutas dos povos oprimidos na América Latina. A perspectiva da educação emancipadora é aquela capaz de contribuir para uma *outra* subjetividade popular, porque tem origem nas metodologias dialógicas, participativas e ativas que nos empoderam diante dos desafios históricos que possuímos.

Se por um lado os estágios são um campo com potencial para imprimir outras relações entre escolas e universidades, por outro, são marcados por uma série de ritos institucionais que limitam as trocas e desafiam nossas habilidades políticas de atuação. Saber responder criativa e criticamente as condições políticas de que dispomos é desafiador, mas muito necessário, se queremos promover a criação de diversas ações conjuntas.

No Brasil há um intenso fazer e refazer nas políticas da educação, o que parece indicar que, na sociedade brasileira, não há qualquer consenso sobre o papel de professoras/es e da educação em geral. Talvez haja somente a certeza de que o país precisa de boas/bons professoras/es, mas o que se entende por boas/bons professoras/es é tema controverso. A profissão docente, como as demais, é impactada pelas sucessivas mudanças sociais que vêm marcando a vida contemporânea e, nessa perspectiva, as pesquisas e debates em torno da formação continuada de professoras/es torna-se, mais do que nunca, indispensável.

Os diferentes perfis de professoras/es que os cursos buscam formar correspondem às diferentes concepções de educação e estágio adotadas nos cursos. Por muito tempo, o estágio foi considerado a parte prática dos cursos de formação de profissionais. Nessa perspectiva, os cursos de formação profissional teriam duas dimensões: uma teórica e outra prática. A parte prática ocupa um lugar de menor importância, e os saberes disciplinares, em geral, não se relacionam com o campo de atuação profissional dos futuros formandos. Há muita disputa em torno do problema, mas pode se afirmar que, geralmente, as licenciaturas enfrentam com dificuldades as relações teóricas e práticas na formação docente.

O conceito de estágio é campo de muitos debates. Em Pimenta e Lima (2010), o estágio se afastava da compreensão de que seria a parte prática do curso e caminhava para a reflexão sobre e a partir da realidade. Para esses autores, o estágio deveria propiciar à/ao estagiária/o uma aproximação da realidade na qual atuará.

Cerca de 17 anos depois, Pimenta (2009) afirmou o estágio como uma atividade teórica instrumentalizadora da práxis de futuras professoras/es. O curso, e nele o estágio, é atividade teórica que possibilita conhecer a realidade, tomando essa realidade como objeto de conhecimento, como referência para,

em seguida, estabelecer-se idealmente à realidade que se quer. Esse conhecimento se dá por ações teóricas e práticas.

As autoras Pimenta e Lima (2010) compreendiam o estágio como oportunidade para a construção do conhecimento pedagógico. Assim, envolve estudos, análise, problematização, reflexão e proposição de soluções sobre o ensinar e o aprender, tendo como eixo a pesquisa sobre as ações pedagógicas, o trabalho docente e as práticas institucionais situadas em seus contextos sociais, históricos e culturais. Essa perspectiva toma o estágio como atividade investigativa, que envolve reflexão e investigação sobre os problemas do fazer docente, com vistas à sua transformação. Conforme Pimenta e Lima (2010), o estágio, assim, é o *locus* das reflexões sobre professoras/es e seu trabalho. Nesse sentido, constitui um espaço de produção de conhecimento sobre a profissão docente, o que envolve teoria, prática, reflexão, produção de conhecimento sobre professoras/es e sua profissão. Ou seja, o estágio é considerado uma atividade teórico-prática, que concebe a teoria algo indissociável da prática.

Todas as disciplinas do curso de formação, conforme Pimenta e Lima (2010), são responsáveis por trazer elementos que contribuam com as reflexões, o entendimento e a construção de alternativas para os problemas encontrados na realidade profissional docente. Todas as disciplinas são, ao mesmo tempo, “teóricas” e “práticas”. Todas as disciplinas necessitam oferecer conhecimentos e métodos para esse processo reflexivo. Assim, o estágio, ao contrário de como tem sido visto, não é atividade prática, mas exercício que envolve teoria e conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade.

Ghedin (2006) considera que o estágio, no curso de formação de professoras/es, é o momento de operacionalizar o exercício da prática-teoria-prática, buscando atingir a práxis, com possibilidade de interferência no processo educativo por meio do ensino. Segundo esse autor, a dinâmica de um processo formativo interdisciplinar em que o estágio se vincula à pesquisa visa formar o professor como profissional reflexivo capaz de compreender e atuar na realidade educacional contemporânea e de propor novas alternativas pedagógicas, tendo por base a prática de estágio. Assim, essa prática poderá configurar-se como importante tempo e espaço de formação nos cursos em que se realiza o exercício da docência, o processo de construção da identidade docente; em que seja reconhecido e valorizado o desenvolvimento dos saberes de professoras/es como sujeitos outres capazes de produzir conhecimento, de participar de decisões, da gestão da escola e dos sistemas educativos.

No Brasil, durante longo tempo, os estudos científicos sobre educação utilizaram instrumental de outras ciências, separaram sujeito e objeto de pesquisa, pesquisadoras/es de pesquisados, desconsideraram as

subjetividades inerentes às ações humanas, recortaram arbitrariamente contextos de pesquisa, congelando interpretações e afastando-se das possibilidades de compreender as dimensões que as práticas, na sua essência, fomentam na educação (FRANCO, 2016). Desenvolveu-se, assim, uma compreensão idealizada do fenômeno educativo, já que se distanciava das condições e potências reais da área, como prática social multidimensional. Nesses percursos formativos, comuns no Brasil, a dimensão da prática é tida como treinamento do fazer, sem a utilização de instrumentos de formação que se constituam objetos de pesquisa da educação.

Uma segunda vertente, que ganha novo impulso com o crescimento do neoliberalismo nas políticas para a educação, supervaloriza a dimensão da prática, tomando-a como o objetivo pelo qual a educação se orienta. Para esse grupo, falta à formação universitária a competência técnica. É necessário, pois, instrumentalizá-la sem que se pergunte sobre o “por que fazer” e “para que fazer”, levam-nos a crer que os conhecimentos científicos não são suficientes para dar conta da imprevisibilidade e complexidade dos fenômenos formativos.

Para nós, a dinâmica de um processo formativo que vincule o estágio à pesquisa e a pesquisa à extensão forma um profissional capaz de compreender e atuar nos complexos contextos profissionais contemporâneos. Assim, o estágio configura-se como espaço de formação articulado à extensão universitária, como ‘braço’ da universidade que, por meio do diálogo e dos compromissos pactuados, ampliam a ação universitária para a cidade, ao mesmo tempo em que busca também trazer para dentro da universidade o que Sousa Santos (2010) denominou de “extensão às avessas”, que vem a ser a criação de condições para outros saberes e atores atuarem no interior da universidade em espaços de formação continuada, foco deste projeto.

Estágios: um contexto de trabalho

Contexto pandêmico

No Brasil, a pandemia escancarou as múltiplas desigualdades que nos marcam e nos mostrou que os desafios a serem enfrentados na educação, que já eram inúmeros, aumentaram. O fato foi agravado pela ausência de políticas para a área, prática de um governo autoritário e negacionista (Bolsonaro, 2019-2022) que além de perseguir professoras/es não investiu na Educação, Ciência e Cultura.

Se por um lado o abrupto fechamento das escolas imposto pela pandemia tornou a exclusão de milhares de estudantes um problema concreto, para os de camadas populares, sem recursos para o acesso ao mundo virtual, foi ainda pior. Por outro lado, nas universidades de formação de professores, a incomunicabilidade com as escolas exigiu a revisão de modelos formativos. Com relação aos estágios, ocorreram muitos debates. Poderíamos, nós da universidade, trabalharmos remotamente com as escolas? Como apoiar a luta de colegas professoras/es das escolas básicas?

Neste contexto, ainda pandêmico, o grupo de pesquisa criou o Laboratório de Aprendizagens Remotas², iniciativa de professoras/es da escola básica e graduandos em licenciaturas para colaborar com os desafios da educação pública na pandemia de Covid-19. Observou-se a necessidade de investimento em práticas que pudessem promover o diálogo democrático nas escolas e ajudar a superar os desafios enfrentados pelas universidades no que se refere aos estágios supervisionados.

Tinha-se como objetivo desenvolver trabalhos dialógicos em ambientes virtuais, aproximando sujeitos das escolas aos da universidade e vice-versa para o enfrentamento em conjunto dos desafios da educação naquele contexto. Foram criados espaços de “encontros” virtuais para estudar juntos, pesquisar e debater as condições de vida de que dispúnhamos.

Em seguida, com as mudanças nas condições sanitárias, vivenciamos um período de atividades híbridas para, só então, dois anos depois, os estudantes poderem retornar à escola. Chegaram com diversos desafios: desestruturação familiar, empobrecimento, desinteresse pela aprendizagem escolar, depressão, entre outros. Somava-se a isso o fato de que a escola permaneceu fechada durante todo o período sem qualquer investimento ou manutenção na sua estrutura física. Eram necessárias muitas ações simultâneas em distintas áreas: da limpeza e organização do espaço físico à formulação do Projeto Político Pedagógico.

No retorno ao trabalho presencial, a escola parceira promoveu processo de escuta da comunidade escolar voltado para estruturar um plano de ação pedagógico. Foi identificado um grande número de estudantes sem ler e escrever; o afastamento da escola deixou-os distantes da norma padrão da língua portuguesa. Coletivamente, foi estruturado um projeto de valorização da *Sala de Leitura* como resposta ao problema de letramento dos estudantes da escola. O projeto pretendia não só a recuperação física do espaço como o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para a leitura e a escrita e foi desenvolvido em parceria com estagiárias/os de distintas licenciaturas da FFP-

² Disponível em: <https://www.coletivoinvestigadorffp.com.br/lab-de-aprendizagens-remotas>

UERJ. Cabe ressaltar que o projeto recebeu, inclusive, apoio da FAPERJ para aquisição de computadores para a escola, além de bolsas de aperfeiçoamento para docentes da escola e para estudantes como jovens talentos.

Colégio Municipal Ernani Faria, em São Gonçalo

O Colégio Municipal Ernani Faria³ situa-se no bairro de Neves, São Gonçalo, Rio de Janeiro. A escola possui um total de 621 estudantes matriculados em três segmentos: Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA. O colégio é composto de cerca de 52 docentes e 43 funcionários. Atingiu, em 2019, a nota no IDEB de 4,1 nos anos iniciais e 3,4 nos anos finais, todos indicadores abaixo da meta.

Na escola, o projeto de estágio é desenvolvido com a coordenação de professoras/es e pesquisadoras/es das escolas básicas; pesquisadoras/es porque integram o Grupo de Pesquisa e trabalham com Pesquisa-Ação Pedagógica na estruturação dos projetos de estágio junto à comunidade escolar.

Assim, foram estruturados dois núcleos de ação: 1) Com a equipe do primeiro segmento do Ensino Fundamental; 2) Com professoras/es do segundo segmento do Ensino Fundamental.

No primeiro segmento, a professora Regina Maria Falcão, coordenadora do estágio, teve como estratégia desenvolvida a partir da Pesquisa-Ação Pedagógica realizar avaliações e planejamentos coletivos com as equipes da escola. Através do trabalho foi possível escutar as múltiplas vozes da comunidade, identificar problemas e construir respostas pedagógicas.

A partir da pesquisa junto a professoras/es, os resultados foram levados às/aos estagiárias/os para que pudessem se inserir nos desafios da escola e, em conjunto, também formular os projetos de estágios. Incentiva-se que os projetos desenvolvidos por estagiárias/os sejam interdisciplinares e realizados em outros espaços da escola: pátio, cantinas, quadras etc., a fim de promover experiências distintas com seus corpos, saberes escolares e espaços de aprendizagens.

Os projetos pedagógicos para estágios foram planejados coletivamente entre professoras/es da escola e estagiárias/os na própria escola em diversos momentos dos projetos. A cada etapa, os grupos se autoavaliavam e planejavam as próximas experiências. Neste período, todas as aulas de estágio foram realizadas na escola com a presença de professora da universidade em conjunto

³ Dados de maio de 2023.

com a equipe escolar. O trabalho imprime na escola um impacto no cotidiano: a presença de diversos jovens, todas as semanas, realizando diversas ações em distintos espaços, movimentando e reconfigurando o cotidiano da escola, o que, segundo relato docente, trouxe mais ânimo para as rotinas.

...a educação implica a existência de um trabalho em comum num espaço público, implica uma relação humana marcada pelo imprevisto, pelas vivências e pelas emoções, implica um encontro entre professores e alunos mediado pelo conhecimento e pela cultura. Perder esta presença seria diminuir o alcance e as possibilidades da educação. (NÓVOA, 2022, p.3)

No segundo segmento, a coordenação é de uma professora de Língua Portuguesa, Aldaléa Figueiredo dos Santos, preocupada com a competência linguística dos estudantes. Ela traça com estagiárias/os um plano de trabalho voltado para a leitura e escrita na perspectiva da formação cidadã. Mesmo que futuras professoras/es fossem de diversas licenciaturas, experimentou-se a interdisciplinaridade nos trabalhos voltados para a leitura/escrita.

Buscou-se, inicialmente, promover o interesse nos saberes escolares, a curiosidade de aprender articulando a cultura de estudantes ao currículo escolar.

Os projetos, desenvolvidos entre estagiárias/os e professoras/es da escola, eram voltados para a intertextualidade, o desenvolvimento de postura crítica, checagem de informações, entre outros objetivos, sempre em diálogo com a necessidade de promover a Sala de Leitura. Buscou-se, para isso, contemplar diferentes habilidades, a diversidade de gêneros textuais que valorizem a vivência dos estudantes e a sua experiência com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), ou seja, um trabalho sintonizado com o multiletramento. As atividades foram planejadas levando em consideração um equilíbrio entre a vida cotidiana, o acervo artístico-literário disponível e o debate público do momento⁴.

Diante de todos os desafios enfrentados ao longo do semestre, foi possível compreender a importância do estágio na formação docente. O que identifico como mais importante, é a possibilidade da dimensão inovadora. “Somos sujeitos autobiográficos”. Penso que o que fica, de mais valioso, de aprendizado diante de tudo o que estamos vivendo é a reconstrução permanente. A possibilidade de se refazer, tentar contribuir, errar, acertar, enfim, todas essas tentativas que nos atravessam, e que fazem parte, agora do processo de tornar-se

⁴ Exemplos de trabalhos realizados por estagiárias/os: <https://anchor.fm/alana867/episodes/Apresentao-do-poema-e-atividade-e199r65/> ; https://open.spotify.com/episode/3JxHK37MbqBdojryfY7Qhw?si=1ORWuUU0Q0KHVDsxR9P37A&utm_source=whatsapp

professor (Estagiária 1 UERJ FFP- Relatório de Estágio, 1º sem. de 2021)

O interesse de estudantes das escolas cresceu com o uso da tecnologia, algo que ainda não havia chegado na realidade social deles. Para Nóvoa (2022), durante a pandemia, houve a discussão sobre a necessidade de proteger, transformar e valorizar a escola e professoras/es. Diria que a preocupação não é a de que avanços tecnológicos substituam professoras/es, mas de não se conseguir acompanhar as consequências das mudanças, tornando-nos apenas consumidoras/es das mídias sem a consciência crítica frente a sua produção. A proposta buscou a apropriação da linguagem de tecnologias como recursos de aprendizagem incorporados à escola.

Estágio I nas licenciaturas FFP

Na perspectiva do Departamento de Educação FFP UERJ, os estágios estão inseridos em dois grupos de disciplinas relacionadas às dimensões da formação e prática docente. O primeiro se desenvolve no próprio curso de Pedagogia, nas disciplinas Estágio 1 (espaços não escolares); Estágio 2 (educação infantil); Estágio 3 (anos iniciais do Ensino Fundamental); Estágio 4 (gestão); Estágio 5 (Educação de Jovens e Adultos – EJA) e Estágio 4 (Ensino Médio). O segundo se dá no Módulo Pedagógico desenvolvido em parceria com os departamentos de Letras, Ciências Biológicas, Matemática, Geografia e História, já que o Departamento de Educação é responsável pelos Estágios Supervisionados 1 que integram a grade curricular desses departamentos.

A FFP tem nos estágios supervisionados presentes em todos os cursos das licenciaturas oferecidos um campo de diálogo docente que nos desafia na sua complexidade. A legislação (Resolução CNE/CP nº 02/2015) reformula não só a carga horária dos estágios, mas também a dimensão da prática nas licenciaturas, o que nos obrigou a rever o currículo do curso de Pedagogia e nossas contribuições às demais licenciaturas com as quais trabalhamos. Vivenciamos um longo processo de debates sobre os impactos e configurações que a legislação traria aos cursos, bem como as condições que necessitaríamos reunir para que pudéssemos garantir que o papel dos estágios nos cursos de formação de professoras/es pudessem ampliar a relação escola/universidade e teoria/prática, possibilitando, assim, o avanço de uma epistemologia para a formação docente ancorada nas condições de nossas lutas e desafios socioeducativos para um mundo mais solidário e menos desigual.

A reformulação curricular das licenciaturas sugeridas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada (Resolução CNE/CP nº 02/2015) expressava, no entender

de professoras/es do departamento, o resultado de um processo de participação coletiva da sociedade brasileira, um avanço diante de antigas reivindicações da área e, mesmo que ainda estivesse em processo de implementação, foi inspiradora para o Departamento de Educação, onde os estágios ganharam um espaço central, que demandou um projeto para a área.

O Departamento de Educação (DEDU) da Faculdade de Formação de Professores (FFP) tem passado por reformulações curriculares no curso de Pedagogia. O último processo que se instaurou a partir de 2015 se estruturou com base na revisão de processos anteriores, no diálogo entre o corpo docente e discente, bem como nos estudos dos perfis de estudantes. Tudo isso se deu por meio de debates sobre nossas condições sociais, de forma a possibilitar que professoras/es e estudantes repensassem os conceitos de sociedade, homem e conhecimento.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou de forma muito rápida as Resoluções 2/2019 e 1/2020, em pleno período de perda de direitos e de políticas autoritárias no país. Desta forma, as Resoluções de todo o período trouxeram medidas antidemocráticas para o campo da formação docente, pois desconsideravam as pesquisas da área da Educação, bem como todo o processo de implantação da Resolução CNE/CP 2/2015, desenvolvida com as Instituições de Ensino Superior – IES nos cursos de licenciatura. As medidas desqualificaram e desfiguraram os cursos de licenciaturas, ao instituírem a Pedagogia das Competências e Habilidades que preconiza uma concepção pragmática e reducionista da formação e da docência, limitada a cumprimento de tarefas e impossibilitando a promoção de projetos pedagógicos próprios, pois estão submetidos à lógica indutora da BNCC e da Reforma do Ensino Médio.

O Departamento de Educação da FFP/UERJ no qual estamos situados compreende os estágios como campos propícios ao diálogo com todas as demais disciplinas do curso, logo, um campo multisetorial, pois os estágios contribuem para as reflexões, o entendimento e a construção de alternativas para os problemas investigados nas distintas áreas de interesse de docentes e estudantes. Assim, o estágio, ao contrário da visão recorrente, não se restringe a uma atividade prática, já que possibilita a construção de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade. Um espaço rico para o exercício da práxis pedagógica.

Estágio como Pesquisa-ação Pedagógica

Nos baseamos nas metodologias de tradição latino-americanas e, nelas, na Pesquisa-Ação Pedagógica (Pape), uma vertente criada por Franco, em 2016, que assume um ponto de vista eminentemente pedagógico, que articula a pesquisa e a ação à formação. Sim, investimos também na perspectiva de que

a pesquisa e a ação devem caminhar juntas para compreender e transformar o mundo. No entanto, no campo da Educação, quando estas relações se estabelecem, personagens das pesquisas, ao participarem, se formam simultaneamente.

A pesquisa-ação não é para nós uma estratégia de trabalho, mas uma forma de conceber a educação. No trabalho que desenvolvemos na universidade, a pesquisa-ação orienta as atividades desenvolvidas no campo do ensino, pesquisa e extensão. Nas escolas, a pesquisa-ação tem colaborado para a revisão de espaços e concepção pedagógica do cotidiano escolar (MOREIRA, 2022).

Quando articulamos o campo dos estágios com a extensão e a pesquisa, trabalhamos com conhecimentos já constituídos e, também, com aqueles que produzimos durante o trabalho (THIOLLENT, 2006). Na perspectiva da Pesquisa-Ação Pedagógica nossos referenciais teóricos estão articulados não só à pesquisa, mas também à extensão e ao ensino, por isso são desenvolvidos simultaneamente ao trabalho que realizamos através de ações coletivas. Um dos maiores desafios é a sistematização do conhecimento produzido de forma a respeitar as distintas origens, contextos e objetivos, para colaborarmos com cenários extraordinariamente dinâmicos.

Quando articulada aos estágios, a Pesquisa-Ação Pedagógica assume distintas dimensões e é desenvolvida em três frentes articuladas: 1) No Grupo de Pesquisa, onde estudamos nossas práticas; 2) Nas escolas, onde buscamos desenvolver uma comunidade de professoras/es e estudantes interessados nas possibilidades de trabalho conjunto entre escolas e universidade; 3) Nos cursos de estágios nas licenciaturas, onde buscamos desenvolver, a partir dos estágios, uma identidade docente voltada para práticas emancipatórias democráticas e construídas coletivamente.

Em todas as dimensões do trabalho, a Pesquisa-Ação Pedagógica é desenvolvida através das narrativas biográficas e análise das experiências, identificação de problemas comuns para a problematização tanto do cotidiano de escolas como de universidades.

“Quem sou? Por que estou aqui? Que experiências tenho em escolas e universidade que posso partilhar? Como experimento e compreendo a relação teoria/prática/teoria/prática?”

Investe-se em processos transparentes, amplamente debatidos e cocriados em todas as etapas da pesquisa. Embora a ação seja planejada, busca-se manter espaço para constantes reavaliações críticas, de seus

caminhos e processos de pesquisa, pois atuamos em contextos muito dinâmicos.

Nossos trabalhos se realizam em rodas de conversas relacionando temas da pesquisa aos sentidos e experiências dos integrantes, buscando a convergência para a elaboração do trabalho conjunto. Dos relatos autobiográficos emergem os temas que buscamos reavaliar através de outras pesquisas por referências que possam nos apoiar.

Estrategicamente, realizamos mapas conceituais coletivos, buscando compreender como nossos saberes se relacionam e, simultaneamente, revisamos conceitos e aprendizagens. Em distintos momentos do trabalho se identificam conceitos e autoras/es que possam colaborar para a fundamentação do trabalho, realizado por meio de diversas dinâmicas (leituras, escritas e debates), visando à revisão crítica.

Nas escolas parceiras, o trabalho de estágio é desenvolvido sob a coordenação de professoras/es e pesquisadoras/es das escolas básicas, onde constituem pequenos núcleos de coletivos de pesquisa refletindo as experiências fundamentadas na Pesquisa-Ação Pedagógica realizada no Grupo de Pesquisa. Com o objetivo de instituir espaço de reflexão pedagógica, realizam processos de escuta com colegas do primeiro e segundo segmentos do Ensino Fundamental, identificando campos de desafios que são, em seguida, reprocessados coletivamente com estagiárias/estagiários. Ou seja, o trabalho nas escolas nasce no Grupo de Pesquisa, mas num segundo momento é processado em pequenos núcleos autônomos constituídos de professoras/es e estagiárias/estagiários. Importante destacar que embora estagiárias/estagiários atuem em curtos espaços de tempo na escola, a sucessão e continuidade das turmas de estágio na mesma escola e projeto fazem de suas passagens um projeto continuado de trabalho.

Nos cursos de estágios, o trabalho metodológico também é inspirado na perspectiva da Pesquisa-Ação Pedagógica, embora dimensionado para cursos de quatro meses. Os processos são atravessados pela mesma linha metodológica: os grupos de estagiárias/estagiários experimentam uma perspectiva crítica de suas experiências como estudantes e futuras professoras/es. São introduzidos nos debates em torno dos estágios, se apropriam da perspectiva da educação emancipadora Freiriana para, em seguida, conhecerem o projeto e, junto com professoras/es, desenvolverem seus planos de estágios. Os estágios são realizados de forma autônoma em pequenos grupos em oficinas diversificadas, seja no primeiro ou segundo segmento.

De um modo geral, observa-se que todas/os/es as/os envolvidas/os no processo de estágios como Pesquisa-Ação Pedagógica têm experienciado uma

forma democrática e solidária de trabalho entre escola e universidade, o que nos reconfigura como estudantes e professoras/es, porque nos é possível conhecer uma dimensão profissional que é construída coletivamente.

Compreendemos que o estágio articulado à Pesquisa-Ação Pedagógica provoca os modelos instituídos na formação docente, pois permite a todas/os/es a experiência da práxis pedagógica. Com a Pesquisa-Ação Pedagógica, instauramos um espaço de interdependência entre escola e universidade capaz de promover o Ensino/Pesquisa/Extensão ao campo dos estágios supervisionados.

O coletivo gera debate, que gera também a crítica e que por sua vez leva a busca por soluções e melhorias, formas de fazer com que o ser pensante e crítico evolua a si, bem como evolui o espaço ao seu redor. No caso do estágio, foi uma experiência em grupo que gerou transformação pessoal e por consequência a vontade de evoluir a escola frequentada, dando melhores condições de aprendizagem aos alunos. (Estagiária 2. UERJ FFP- Relatório de Estágio, 1º sem. De 2021)

Podemos afirmar que os estágios, quando associados à Pesquisa-Ação Pedagógica e à extensão, produzem “sub revoluções” (FANON, 2015), um processo que nos prepara para as mudanças mais radicais que precisamos conquistar, porque nos permitem experienciar um outro lugar/modelo para a formação docente.

Contribuições para o debate: outras formas de existir e resistir nas escolas e universidades

Pensar os estágios articulados ao ensino, pesquisa e extensão corresponde à instauração de um campo de problematização da cultura escolar e universitária instituída, ou seja, a experienciar um campo de possibilidades outras de existir nas escolas/universidades. Para isso, temos aprendido que é necessário estudar coletivamente os caminhos que nos permitem a criação de espaços de aprendizagens horizontais e partilhadas para que possamos conquistá-los efetivamente. Investir numa cultura política, baseada na escuta e no compromisso, construídas desde baixo, com as plurais vozes que habitam o campo dos estágios significa problematizar e ressignificar os sentidos da educação e o papel da universidade e escolas na formulação de conhecimentos para formação docente.

Trata-se de uma experiência ainda em desenvolvimento que coloca em movimento os estágios supervisionados, porque instaura um campo de relações

constituído da participação de todas/os nos processos decisórios de seus próprios trabalhos.

O que apresentamos se expressa em pequenos projetos nos cotidianos de estudantes e professoras/es em que se desenvolvem outras lógicas de existir nas escolas e universidades. São lógicas, por vezes, invisíveis, subterrâneas, que buscam materializar-se em outras linguagens e formas pedagógicas, mas que nos permitem investir no campo dos estágios, ressignificando os sentidos da educação e do papel de escolas e universidades na formação docente. Em ambientes de aprendizagens horizontais e solidários podemos afirmar que descolonizamos modelos e práticas pedagógicas hegemônicas.

Quando escolas e universidades se escutam, resistem e criam um trabalho de investigação conjunta, capaz de desocultar estruturas opressoras e podem experimentar a dimensão pública do pensar/atuar como participação nos processos pedagógicos. Nesta perspectiva, não existe diferença entre os meios e os fins; os fins estão nos meios, existem nos processos. Pesquisar, ensinar, aprender e extensionar são verbos que qualificam as experiências emancipatórias que se realizam no movimento dos estágios supervisionados, na perspectiva das pedagogias latino-americanas. Relações políticas emancipatórias cobram dinamismo, não podem congelar-se, pois aí habitam as formas de dominação. É aí também que situamos nosso exercício crítico: criando ambiente de trabalho e epistemologias que nos permitam a revisão continuada de nossos fazeres na escola e universidade.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org). *Pesquisa participante. O saber da partilha*. São Paulo: Ideias e Letra, 2006.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CNE. **Resolução CNE/CP 2/2019**. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de abril de 2020, Seção 1, pp. 46-49.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CNE. **Resolução CNE/CP 2/2019**. Diário Oficial da União. Brasília, 15 de abril de 2020, Seção 1, pp. 46-49.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Letra Livre, 2015.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-Ação Pedagógica: práticas de empoderamento e participação. **Revista de Educação Temática**. Campinas, v. 18, n. 2, p. 511-513, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MOREIRA, Sueli de L.; VOLOTÃO, Graciane de S. R.; SANTOS, Aldaléa F. dos. Lutas e formação para professores outros. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 31, n. 66, p. 207-219, 28 maio 2022. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/13475>. Acesso em: 12 jun 2023.

MOREIRA, Sueli de Lima. **O sentido de aprendizagem escolar para jovens de meios populares**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: 2014.

NOVOA, António. **Escola e Professores: Proteger, Transformar, Valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro. **Pesquisa em educação**. Alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Loyola, 2006. v 2.

PIMENTA, Selma G. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

THIOLLENT, Michel. A inserção da pesquisa-ação no contexto da extensão universitária. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa participante**. O saber da partilha. São Paulo: Ideias e Letra, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade do século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2010.

WALSH, Catherine. 2009. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des) de el in-surgir, re-existir y re-vivir. **UMSA Revista** (entre palabras), v. 3. Disponível em: <https://redinterculturalidad.wordpress.com/2014/02/06/interculturalidad-critica-y-pedagogia-decolonial-catherine-walsh/> Acesso em: 3 mar. 2020.

Submissão em: 26 jun. 2023.

Aceite em: 02 out. 2023.

ⁱ Sueli de Lima Moreira

Professora associada da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e pós doutora pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Ação Pedagógica Coletivo Investigador.

E-mail: limamoreirasueli@gmail.com

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5487458746068806>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3511-9007>

ⁱⁱ Aldaléa Figueiredo dos Santos

Professora de Português e Produção Textual no C.M.Ernani Faria. Com doutorado em Educação em Políticas Públicas e Formação de Professores (UFF) e Mestrado em Linguística Aplicada (UFF). Integra o Grupo de Pesquisa Coletivo Investigador UERJ/FFP desde 2021.

E-mail: ialda@icloud.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8107032032999135>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6912-5264>

ⁱⁱⁱ Regina Marinho Falcão

Professora da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro e da Rede Municipal de São Gonçalo, atuando no Colégio Municipal Ernani Faria. Pós graduada em Sexualidade Humana pelo Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação IBMR, possui também especialização em Administração, Supervisão e Orientação Educacional pelas Faculdades Integradas Maria Thereza. Integra o Coletivo Investigador desde 2016.

E-mail: reginafalcao2@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4442764347047226>